

O PROCESSO MÁGICO DE APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA: da garatuja à escrita alfabética

THE MAGIC PROCESS OF APPROPRIATING THE SYSTEM OF WRITING: from scribbling to alphabetic writing

Maria Rejane da Silva e Silva¹

Maria Raquel Caetano²

RESUMO: O artigo faz parte de uma pesquisa cujo objetivo foi compreender o processo histórico da escrita, como a criança desenvolve o grafismo infantil e como ela se apropria do sistema de escrita alfabética. A pesquisa utiliza a abordagem qualitativa, descritiva e bibliográfica, com coleta de dados através das produções escritas das crianças de dois a oito anos de idade em duas escolas municipais de Taquara. A análise foi realizada através da escrita das crianças: garatuja, palavras e frases demonstrando a evolução do grafismo infantil e da escrita nos seus diferentes níveis até chegar à escrita alfabética. Os resultados mostram que a criança passa por um processo de construção e evolução que acontece à medida que ela vai interagindo com o desenho e a escrita. Durante essa interação, ela se apropria de conhecimentos que a ajudam a construir cada fase do desenho e da escrita e, por fim, chegar à escrita alfabética.

Palavras-chave: Escrita. Garatuja. Sistema alfabético.

ABSTRACT: The article is part of a survey that aimed to understand the historical process of writing, how the child develops child graphics and how it appropriates the alphabetic writing system. The survey uses a qualitative, descriptive and bibliographical approach to data collection through the written productions of children 2-8 years of age, at two municipal schools in Taquara. The analysis was performed through the children's writing: scribbles, words and phrases demonstrating the evolution of child graphics and writing at different levels to reach alphabetic writing. The results show that the child goes through a process of construction and development that takes place while they interacts with drawing and writing, and during this interaction they appropriate knowledge that helps build each phase of the drawing and writing and finally reach alphabetic writing.

Keywords: Writing. Scribbles. Alphabetic system.

1 INTRODUÇÃO

A apropriação do sistema de escrita alfabética envolve várias aprendizagens que o precedem. A construção desse sistema, como enfatiza Macedo (2008 apud PILLAR, 2012, p. 12), “[...] é aprender, pouco a pouco, a relacionar os elementos constitutivos deste sistema. É construir implicações, significantes entre pensamentos,

letras, palavras, parágrafos, frases, textos... e aceitar normas e procedimentos já constituídos”.

É de suma importância, para o desenvolvimento da criança, a apropriação do sistema de escrita, pois é através desse processo que se integrará a criança no mundo letrado e se realizará efetivamente a aquisição da leitura e da escrita, visto que o uso da linguagem lhe oferece

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da FACCAT. Alfabetizadora e Professora da Rede Municipal de Taquara. E-mail: silvarejaneam@bol.com.br.

² Dra. em Educação. Professora da Graduação e Pós-graduação. E-mail: caetanoraquel2013@gmail.com.

condições de expressar e internalizar ações e informações, favoráveis a seu desenvolvimento. Dessa forma, pode-se responder adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita, além de dar a ela condições de participar de muitos outros tipos de práticas culturais.

Conhecer o sistema de escrita alfabética, segundo Carvalho (2010, p. 65), traz consequências (políticas, econômicas, culturais, etc.), pois o sujeito alfabetizado é alguém que se apropriou suficientemente da escrita e da leitura. Assim, pode usá-las com desenvoltura, com propriedade, para dar conta de suas atribuições sociais e profissionais.

A alfabetização, enquanto introdução do ser humano no mundo letrado, resulta do desenvolvimento de um processo de apropriação que se dá através de diferentes etapas, desde o grafismo até chegar à apropriação do sistema de escrita alfabética. Sendo assim, a questão de pesquisa que resultou neste artigo foi “Quais os sistemas que servem de base (suporte) para que a criança se alfabetize?”. Neste artigo, apresentar-se-ão os sistemas e a forma como as crianças se apropriam desse sistema até a alfabetização propriamente dita.

2 A LECTO ESCRITA: SUAS ORIGENS E EVOLUÇÃO HISTÓRICA

A lecto escrita, historicamente, tem se apresentado como fundamento da evolução cultural da humanidade. Cabe ressaltar que, para a criança se alfabetizar, ela precisa construir um conhecimento sobre o grafismo e sobre o sistema de escrita alfabética, além de apresentar outros conhecimentos. Esta pesquisa, porém, ater-se-á aos sistemas do grafismo infantil e da escrita alfabética, que, no entendimento das pesquisadoras, é uma forma de mostrar a evolução da criança no processo da aquisição do conhecimento do grafismo e da escrita.

A escrita permanece como uma das maiores invenções da humanidade e é passada de geração a geração, de acordo com Lima (2010, p. 4). Há muito tempo, não havia a escrita como ela existe hoje, e, por milhares de anos, os homens sentiram necessidade de registrar acontecimentos, informações, guardar registros do dia a dia e de se comunicar de forma escrita entre si. No entanto, isso não era possível.

A necessidade de um sistema de escrita veio de situações vividas no cotidiano, como afirma Cagliari (1998, p. 14). Diante dessa necessidade, os homens construíram progressivamente sistemas de representações para que houvesse, então, esse registro e essa comunica-

ção, a qual se tornou um instrumento de grande valor para a humanidade.

A história da escrita pode ser caracterizada por três fases distintas: a pictórica, a ideográfica e a alfabética” (CAGLIARI, 1998, p. 91). Essas fases serão descritas a seguir.

2.1 FASE PICTÓRICA

A primeira fase da escrita foi a pictórica, que se deu cerca de 10.000 anos a. C. Tudo começou através de desenhos feitos nas paredes das cavernas. Através desses desenhos, os homens passavam mensagens, transmitiam desejos e necessidades. Mas ainda não era propriamente uma escrita, pois não havia organização nem mesmo padronização das representações gráficas.

A fase pictórica apresenta um registro bem simplificado dos objetos da realidade. Isso se dá por meio de desenhos, utilizando figuras associadas à imagem que queria representar.



Figura 1 – Escrita pictórica
Fonte: Stihl (2012).

Um pictograma não assegurava uma mensagem precisa, pois um desenho, como o apresentado anteriormente, poderia representar várias situações, como, por exemplo: “matei um animal, ou, quando for matar um animal, pegue-o pelo rabo”. Por isso o homem continuou buscando uma forma mais precisa de se comunicar, criando, então, uma outra escrita, que foi denominada de escrita ideográfica.

2.2 FASE IDEOGRÁFICA



Figura 2 – Escrita ideográfica
Fonte: Brasil (2014).

Foi na Mesopotâmia que a escrita foi elaborada e criada. Por volta de 4.000 a.C., os sumérios desenvolveram a escrita em forma de cunha, usando placas de barro, em que, com o auxílio de objetos em formato de cunha, assinalavam a escrita. A escrita ideográfica utilizava imagens para representar objetos concretos e, para representar ideias abstratas, empregava o princípio do rebus, que consistia em decompor as palavras em sons e representar cada som por uma imagem. Como essas imagens eram frequentemente mal interpretadas, já que o mesmo som era utilizado em várias palavras, foram introduzidos mais dois sinais, sendo um para indicar como elas deveriam ser lidas e outro para lhes dar um sentido geral.

2.3 FASE ALFABÉTICA

Até chegar aos sistemas alfabéticos atualmente utilizados, a escrita passou por um longo processo de evolução, com inúmeras mudanças e transformações. Essa evolução foi marcada pelo surgimento do sistema de escrita ideográfica, que foi gradualmente conduzido para o fonetismo, sistema em que as palavras passaram a ser decompostas em unidades sonoras.

O fonetismo aproximou a escrita de sua função natural, que é a de interpretar a língua falada, a língua oral e a língua considerada como som. Dessa forma, o

sinal se libertaria do objeto e a linguagem readquiriria a sua verdadeira natureza, que é oral. Decompondo o som das palavras, o homem percebeu que ele se reduzia a unidades justapostas, mais ou menos independentes umas das outras e diferenciáveis. Daí surgiram dois tipos de escrita: a silábica, fundamentada em grupos de sons, e a alfabética, em que cada sinal corresponde a uma letra.

A escrita alfabética foi difundida com a criação do alfabeto fenício, constituído por vinte e dois signos que permitem escrever qualquer palavra. Adotado pelos gregos, esse alfabeto foi aperfeiçoado e ampliado, passando a ser composto por vinte e quatro letras, divididas em vogais e consoantes.

A α	alpha	N ν	nu
B β	beta	Ξ ξ	ksi
Γ γ	gamma	Ο ο	omicron
Δ δ	delta	Π π	pi
Ε ε	epsilon	Ρ ρ	rho
Ζ ζ	zeta	Σ σς	sigma
Η η	eta	Τ τ	tau
Θ θ	theta	Υ υ	upsilon
Ι ι	iota	Φ φ	phi
Κ κ	kappa	Χ χ	chi
Λ λ	lambda	Ψ ψ	psi
Μ μ	mu	Ω ω	omega

Figura 3 – Escrita alfabética
Fonte: Seguindo os passos da história (2014).

A partir do alfabeto grego surgiram outros, como o gótico, o etrusco e, finalmente, o latino. Com a expansão do Império Romano e o domínio do mundo ocidental, o alfabeto latino se impôs em todas as colônias.

A evolução da escrita e a criação do alfabeto permitiram à humanidade um grande avanço na forma de comunicar-se e de ter registros sobre a vida e os fatos históricos da humanidade. A partir desse momento, nasceu uma forma padronizada de escrita, o que facilitou a comunicação entre os povos.

3 O GRAFISMO INFANTIL E SUA EVOLUÇÃO

O desenho surge de forma espontânea, e sua evolução se dá conforme o desenvolvimento global da criança. É uma forma de linguagem, através da qual a criança consegue se expressar.

O grafismo infantil passa por diferentes fases denominadas como: garatuja, fase pré-esquemática, fase esquemática e fase do realismo. Na evolução da garatuja para o desenho de formas mais estruturadas, a criança desenvolve a intenção de elaborar imagens do fazer artístico.

3.1 AS GARATUJAS

As garatujas representam a primeira fase no desenho. A garatuja é o primeiro rabisco, sendo um importante passo no desenvolvimento do desenho, pois é o início da expressão que conduzirá não só o desenho e a pintura, mas também a escrita. As garatujas são classificadas em três categorias: garatujas desordenadas, garatujas ordenadas e garatujas com atribuições de nomes.

3.2 AS GARATUJAS DESORDENADAS

A garatuja desordenada é a fase dos rabiscos, quando a criança explora livremente o espaço do papel, rabiscando não por motivos estéticos, mas por fazer cinético. São aqueles em que os traços são fortuitos, e a criança não se apercebe de que poderia representar qualquer coisa com eles. Muitas vezes, a criança nem olha para o que está rabiscando, simplesmente movimenta o braço para frente e para trás, para cima e para baixo, pois ainda não desenvolveu um completo controle muscular. Nessa fase, a criança ainda não tem controle visual sobre as garatujas, logo ainda não é hora de tarefas que requeiram controle motor fino de seus movimentos. Não há preocupação com os traços, sendo que esses são cobertos com novos rabiscos várias vezes.



Figura 4 – Toni – 2 anos de idade

O desenho apresentado anteriormente é uma garatuja desordenada, feita pelo aluno Toni. Durante a realização dessa atividade, ele movimentava livremente a canetinha, fazendo marcas no papel sem se preocupar com formas, pois ele ainda não prende a sua atenção em representar algo significativo.

3.3 GARATUJAS ORDENADAS

Por sua vez, nas garatujas ordenadas, a criança descobre a relação gesto-traço. Passa a olhar o que faz, começa a controlar o tamanho, a forma e a localização do desenho no papel. Descobre que pode variar as cores. Começa a fechar suas figuras em formas circulares ou espiraladas. Começa a segurar o lápis da mesma forma que o adulto, copia intencionalmente um círculo, mas não o quadrado. As linhas podem ser repetidas e, quase sempre, são traçadas com vigor. Também podem ser feitas horizontalmente ou verticalmente. Nessa fase, ela gosta de encher a folha toda, e de modo geral seus traços partem em direções imprevisíveis. A criança descobre também relações entre o que desenhou e alguma coisa em seu meio.

Segundo Lowenfeld e Brittain (1977, p. 120), “as garatujas tornam-se então mais elaboradas e, com frequência, a criança descobrirá, muito entusiasmada, certas relações entre o que desenhou e alguma coisa em seu meio”.



Figura 5 – Gio – 3 anos de idade

O exemplo apresentado é de garatuja ordenada, que foi realizado pela aluna Gio. No momento da realização dessa atividade, ela olhava para o papel e procurava controlar os movimentos, preocupando-se já em fechar a garatuja e representar algo; por isso já se po-

dem observar figuras em formas circulares. A fase que se segue é a das garatujas com atribuições de nomes.

3.4 GARATUJAS COM ATRIBUIÇÃO DE NOMES

A criança faz passagem do movimento sinestésico, motor, ao imaginário, ou seja, representa o objeto concreto através de uma imagem gráfica. Nessa fase, ela distribui melhor os traços no papel e anuncia o que vai fazer. Descreve o que faz, relaciona o desenho com o que vê ou viu, sendo que o significado do seu desenho só é inteligível para ela mesma. Aqui ela também começa a dar forma à figura humana.

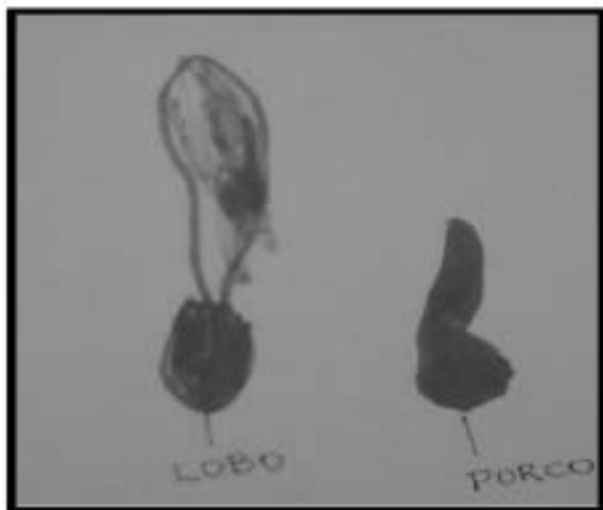


Figura 6 – Nati A. – 4 anos de idade

A garatuja apresentada é um exemplo de garatuja com atribuição de nomes. Ela foi construída pela aluna Nati A. Nessa atividade, já se pode perceber que a criança deu forma aos desenhos, atribuiu nome aos mesmos e relacionou o desenho com a história ouvida: “Os três porquinhos”. Em seguida, vem a fase esquemática.

3.5 GARATUJAS DA FASE ESQUEMÁTICA

Devido aos excessos de representação da figura humana, que ganha esquemas que obedecem a um plano pessoal, chama-se esse período de fase do girino. Para as crianças que se encontram nessa fase, a cabeça é o lugar onde se come e fala; logo o processo de pensar ocorre na boca. Então os olhos, ouvidos e nariz fazem da cabeça o centro da atividade sensorial. Ela pode também representar elementos organizados logicamente.

A criança desenha o que sabe do objeto e não faz uma representação visual absoluta. Seus desenhos apresentam características não porque possuem uma forma

de representação inata, mas sim porque ela está no começo de um processo mental ordenado.



Figura 7 – Nati A. – 4 anos de idade

O desenho apresentado é uma garatuja da fase esquemática. Percebe-se, nessa atividade, que o desenho dessa criança tem características de um girino, pois apresenta a cabeça, as pernas e outros órgãos. Porém ela não consegue ainda representar uma figura humana completa, pois lhe faltam braços, mãos, boca e nariz, por exemplo.

3.6 FASE DO REALISMO

Já na fase do realismo, a criança adquire o conceito definido de homem em seu meio, embora qualquer desenho possa ser considerado um esquema. Quando a criança está na fase esquemática, ela desenha uma figura humana, mostra um símbolo facilmente reconhecível, retratando as diferentes partes do corpo. A ideia pode ser interrompida, porque a criança por vezes destaca um motivo que coloca fora de seu lugar na representação. Ela usa o esquema espacial, por isso desenha cada objeto no seu lugar: pássaro no ar, nuvem no alto, árvore sobre o chão. Já usa a linha de base para representar o espaço de seu desenho.



Figura 8 – Nati B. – 8 anos de idade

O desenho da aluna Nati possui as características da fase esquemática, já que a figura humana possui todas as partes do corpo, as árvores estão sobre uma linha de base e o sol e as nuvens estão no alto. No desenho, foi usado um esquema espacial, e cada elemento do desenho está no seu devido lugar.

O desenvolvimento progressivo do desenho implica mudanças significativas, que, no início, dizem respeito à passagem dos rabiscos iniciais da garatuja para construções cada vez mais ordenadas, fazendo surgir os símbolos. Essa passagem é possível graças às interações da criança com o desenhar e com desenhos de outras pessoas. No início, a criança trabalha com a hipótese de que o desenho serve para imprimir tudo o que ela sabe sobre o mundo. No decorrer da simbolização, a criança incorpora progressivamente regras ou códigos de representação das imagens, passando a considerar a hipótese de que o desenho serve para imprimir o que vê.

É assim que, através do desenho, a criança cria e recria individualmente formas expressivas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem então ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos. Conforme Lowenfeld e Brittain (1977, p. 144),

[...] o papel que desempenham o professor e os pais torna-se muito valioso para ajudar a criança a desenvolver essas atitudes. A professora do jardim de infância está numa posição excelente para propiciar a oportunidade de a criança progredir, por meio de suas experiências artísticas, para ajudá-la a desenvolver confiança e a sensibilidade imprescindíveis à autoexpressão e para proporcionar-lhe toda a gama de materiais e a atmosfera favorável às atividades criativas.

Então a criança aprende a criar desenhando. Essa forma de expressão faz parte do seu desenvolvimento natural, mas cabe ao professor perceber a fase em que cada criança encontra-se e propor novos desafios, novos estímulos para que ela possa evoluir, enriquecendo de forma progressiva o seu desenho.

O desenvolvimento do grafismo infantil é de suma importância para a apropriação do sistema da escrita alfabética, visto que, durante as fases do desenho, a criança se apropria de conhecimentos que serão utilizados no momento em que ela começa a construir as hipóteses silábicas, pois, em um dado momento do desenvolvimento do grafismo infantil, a criança compreende que pode fazer garatujas para “escrever” aquilo que deseja.

Nesse momento, houve um aprendizado sobre a escrita que evolui a partir do contato da criança com portadores de textos, contação de histórias, informações

adquiridas sobre a escrita alfabética, entre outros. Segundo Emília, por volta dos quatro anos de idade, a criança começa a estabelecer uma distinção muito importante entre o universo gráfico próprio do desenho e o universo gráfico próprio da escrita (FERREIRO; TEBEROSKI, 1986, p. 55). É nesse momento que a criança começa a perceber que o desenho tem uma característica distinta da escrita, já que ele passa a apresentar a forma física do objeto, enquanto a escrita representa o nome desse objeto. A partir daí, a criança tem um caminho a percorrer até que ela construa os conhecimentos sobre os níveis da escrita.

4 A PSICOGÊNESE DA ESCRITA

A partir da segunda metade do século XX, novos estudos surgiram baseados nas seguintes perguntas: Como pensa a criança que está aprendendo a ler e a escrever? O processo de aquisição da leitura e da escrita inicia-se com o ingresso da criança na escola? A criança, ao entrar na escola, já traz consigo conhecimentos sobre a leitura e a escrita? Que tipos de conhecimento a criança traz?

Ferreiro e Teberosky (1986) descrevem o aprendizado formulando hipóteses a respeito do código, percorrendo um caminho que pode ser representado nos níveis pré-silábico, silábico e silábico-alfabético e alfabético. Ao iniciar a construção da escrita, a primeira hipótese que a criança constrói é chamada de nível pré-silábico. Nesse momento, a criança não estabelece vínculos entre a fala e a escrita. Ela usa garatujas para escrever e supõe que a escrita representa os objetos e não seus nomes (coisas grandes têm nomes grandes, coisas pequenas têm nomes pequenos).

Nessa fase, a criança também constrói dois princípios básicos organizadores: o primeiro de que é preciso uma quantidade mínima de letras para que algo seja escrito (em torno de três letras), e o segundo de que é necessário que haja uma variedade de caracteres para que se possa ler. Além disso, usa letras do próprio nome ou letras e números nas palavras, começa a desvincular a escrita das imagens e números das letras, utiliza letras aleatórias, geralmente presentes em seus próprios nomes, e produz riscos ou rabiscos típicos da escrita que tem como forma básica.

Ela usa a letra de imprensa ou a cursiva, podendo então realizar linhas curvas ou retas ou rabiscos ondulados e emendados. A ordem e a qualidade das letras não são ainda fundamentais para a distinção de uma palavra de outra.

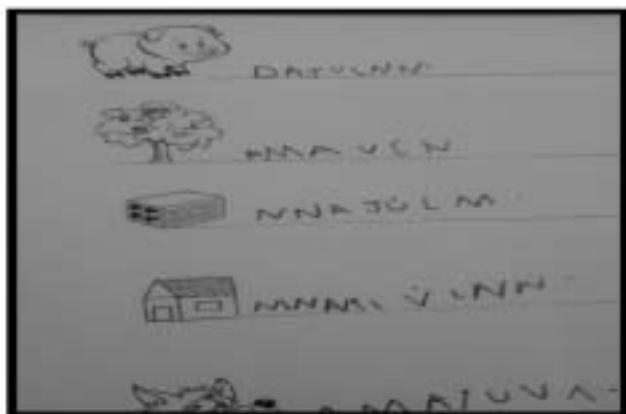


Figura 9 – Juli – 5 anos de idade

O exemplo apresentado é de uma criança pré-silábica. No desenho, verifica-se que a criança usa mais de três letras para representar a escrita e utiliza letras aleatórias e algumas letras do seu nome.

A próxima hipótese que a criança constrói é a do nível silábico, pois já supõe que a escrita representa a fala. Dessa forma, para cada sílaba oral atribui uma grafia. Em frases, pode escrever uma letra para cada palavra. Ela representa cada sílaba por uma única letra qualquer, e o que escreve ainda não tem valor convencional daquela sílaba. Cada sílaba é representada por uma vogal ou consoante que expressa o seu som correspondente, em geral representada pela vogal, mas não exclusivamente. Conhece também a maioria das letras do alfabeto e de sua forma gráfica, tenta fonetizar a escrita e dar valor sonoro às letras, escrevendo, ainda, uma palavra, e acrescentar mais letras.



Figura 10 – Kevin – 6 anos de idade

Nesse exemplo, a criança atribuiu uma grafia para cada sílaba. Ela também utiliza vogais que expressam o som correspondente à palavra que deseja escrever e algumas consoantes.

Após compreender que a escrita representa os sons da fala e que para escrever ela precisa formar as sílabas e que algumas sílabas são formadas por duas ou três letras, a criança avança nas suas hipóteses e entra no nível silábico-alfabético. Então procura combinar vogais e consoantes em uma mesma palavra na tentativa de combinar sons. A criança descobre que a sílaba não pode ser considerada como unidade, mas que ela é composta por elementos menores – as letras. Assim, inicia a leitura independente de textos, palavras, livros de literatura e de outros portadores de textos. As crianças têm dificuldades na leitura e na escrita de palavras que são iniciadas por vogais.

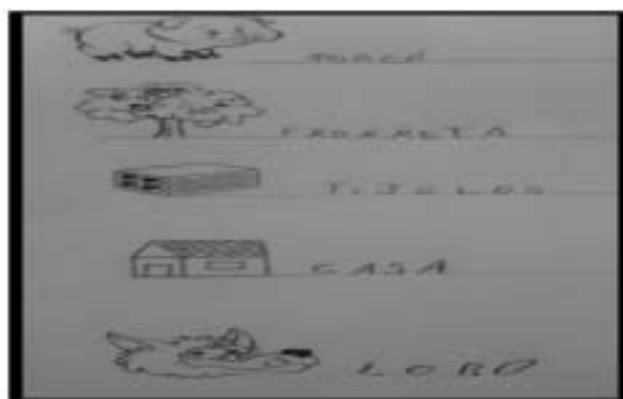


Figura 11 – Gabi – 7 anos de idade

A atividade apresentada é de uma criança que está no nível silábico-alfabético. Nessa fase, ela já compreende que as palavras são formadas por sílabas e que cada sílaba possui uma fonética própria, mesmo que ela ainda não consiga realizar uma escrita ortograficamente correta.

A próxima hipótese que a criança constrói é conhecida como nível alfabético, pois ela passa a compreender o sistema de escrita, entendendo que cada um dos caracteres da palavra corresponde a um valor sonoro menor que a sílaba. Além disso, domina ou não as convenções ortográficas, compreende que a escrita tem função social, apresenta estabilidade na escrita das palavras, conhece o valor sonoro das letras, compreende que cada letra corresponde aos menores valores sonoros da sílaba, procura adequar a escrita à fala, faz leitura com ou sem imagem, inicia a preocupação com as questões ortográficas, separa as palavras quando escreve frases, produz textos de forma convencional e utiliza o dicionário. Existe um reconhecimento pela criança dos sons das letras.

A criança consegue estabelecer uma vinculação mais coerente entre leitura e escrita, uma vez que se con-

centra na sílaba para escrever, surge a adequação do escrito ao sonoro e escreve do jeito que fala (presença da oralidade na escrita). Ela também compreende que cada um dos caracteres da escrita (letras) corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, e a leitura é realizada com imagem ou sem imagem, surgindo, nessa fase, os problemas relativos à ortografia.

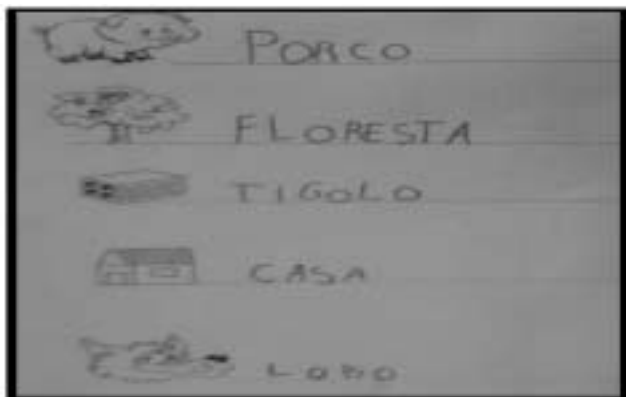


Figura 12 – Gabriel – 7 anos de idade

A atividade apresentada é um exemplo do nível alfabético, pois o aluno escreveu a maioria das palavras ortograficamente de forma correta. A única palavra que ele não acertou faz parte do processo que ainda está sendo construído em relação à escrita.

5 ANÁLISE DA ESCRITA DAS CRIANÇAS

Analisando as garatujas construídas pelas crianças e os níveis da escrita, percebe-se que existe uma interação entre esses processos, pois o processo da escrita alfabética se inicia muito antes da criança entrar no Ensino Fundamental. Todo o processo se inicia quando a criança começa a rabiscar, seja no papel ou em outro lugar.

A princípio, a criança realiza essa atividade somente por prazer, mas, aos poucos, ela evolui e começa a observar o papel e dá formas circulares ou espiraladas ao desenho. Depois a criança começa a nomear o que desenha e estabelece relações com o que vê. Na próxima fase, a criança começa a desenhar a figura humana em forma de girino para, em seguida, entrar na fase do realismo. Nesse momento, seus desenhos já têm formas mais elaboradas, a figura humana aparece completa, usa um esquema espacial e desenha cada objeto em seu devido lugar.

Quando a criança constrói esses conhecimentos, ela os transporta para as hipóteses sobre a escrita, e a primeira hipótese é a do nível pré-silábico. Nesse nível, ela entende que pode escrever usando as garatujas, sendo que, ao mesmo tempo, ela utiliza números e letras,

devido ao contato com os portadores de textos e outras situações de leitura. Logo a criança conclui que ela não precisa utilizar os números e as garatujas. Ela só precisa das letras para escrever e compreender que o desenho representa a imagem do objeto e que, com as letras, ela escreve o nome do objeto. A partir desse momento, ela desvincula as garatujas das letras, isto é, a criança passa a utilizar somente as letras para escrever.

A próxima hipótese que a criança constrói está relacionada com o fonema e o grafema. É a hipótese do nível silábico, pois a criança compreende que a escrita representa a fala, sendo que para cada sílaba oral existe uma grafia (letra) e um fonema (som). Ao desenvolver essa percepção e compreender também que as palavras são formadas por sílabas, no entanto, por estar em construção ainda, escreve uma letra para cada sílaba da palavra escrita.

A hipótese seguinte que a criança levanta é a silábico-alfabética. Nesse nível, a criança constata que uma grafia para cada sílaba não é suficiente para representar a palavra. Sem abandonar a hipótese silábica, ela compreende que as palavras são formadas por sílabas e que as sílabas podem ser formadas por duas ou três letras. Logo em seguida, a criança vai construir a hipótese do nível alfabético.

No nível alfabético, a criança já domina a estrutura do sistema de escrita e aprende a escrever convencionalmente, mas ainda tem um caminho a percorrer, pois, muitas vezes, ela ainda precisa se apropriar de conhecimentos relacionados à ortografia. Porém a criança se apropriou do sistema de escrita alfabética, que é a base para novas conquistas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentou-se como a criança se apropria, ao longo do seu desenvolvimento, do processo de escrita: do grafismo até chegar à escrita alfabética. O desenho surge de forma espontânea, e sua evolução se dá conforme o desenvolvimento global da criança, sendo uma forma de linguagem através da qual a criança consegue se expressar em determinada idade.

O grafismo infantil passa por diferentes fases denominadas como: garatujas, fase pré-esquemática, fase esquemática e fase do realismo. Na evolução da garatuja para o desenho de formas mais estruturadas, a criança desenvolve a intenção de elaborar imagens e representá-las.

Conforme apresentado ao longo deste artigo, o desenvolvimento do grafismo infantil é de suma importância para a apropriação do sistema da escrita alfabética, visto que, durante as fases do desenho, a criança se

apropriada de conhecimentos que serão utilizados no momento em que ela começa a construir as hipóteses silábicas. Em um dado momento do desenvolvimento do grafismo infantil, a criança compreende que pode fazer garatujas para “escrever” aquilo que deseja.

Nesse momento, há um aprendizado sobre a escrita, que vai evoluir a partir do contato da criança com portadores de textos, contação de histórias, informações adquiridas sobre a escrita alfabética, entre outros. É por volta dos quatro anos de idade que a criança começa a estabelecer uma distinção muito importante entre o universo gráfico próprio do desenho e o universo gráfico próprio da escrita. Quando a criança constrói esses conhecimentos, ela os transporta para as hipóteses acerca da escrita, perpassando os níveis do pré-silábico, silábico, silábico-alfabético até chegar ao alfabético propriamente dito, quando ela pode ser considerada alfabetizada.

Os resultados desta pesquisa mostram que a criança passa por um processo de construção e evolução que acontece pouco a pouco à medida que ela interage com o desenho e a escrita, com diferentes portadores de textos, com as pessoas e com o meio. Durante essa interação, ela se apropria de conhecimentos que a ajudam a construir cada fase do desenho e da escrita até chegar à escrita alfabética.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Fernando. **A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- _____. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- _____. **Da ação à operação**: o caminho da aprendizagem em J. Piaget e P. Freire. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **WebEduc**: o portal de conteúdos educacionais do MEC. Disponível em: <<http://webeduc.mec.gov.br/>>. Acesso em: 27 out. 2014.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.
- _____. **Alfabetização sem o ba,be,bi,bo,bu**. São Paulo: Scipione, 1998.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- DUTRA, Luiz Henrique de A. **Epistemologia da aprendizagem**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- DEHEINZELIN, Monique. **Construtivismo**: a poética das transformações. São Paulo: Ática, 1997.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1986.
- FORMOSINHO, Júlia Oliveira; KISHIMOTO, Tizuko Mochida; PINAZZA, Mônica Apezatto. **Pedagogia(s) da infância**: dialogando com o passado construindo futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- GARCIA, Rolando. **O conhecimento em construção**: das formulações de Piaget à teoria de sistemas complexos. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- GROSSI, Esther Pillar. **Didática do nível pré-silábico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. (Didática da alfabetização; 1).
- _____. **Didática do nível silábico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. (Didática da alfabetização; 2).
- _____. **Didática do nível alfabético**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. (Didática da alfabetização; 3).
- LIMA, Elvira Souza. **Neurociência e leitura**. São Paulo: Inter Alia Comunicação e Cultura, 2010.
- LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- MENDONÇA, Onaide Schwartz; MENDONÇA, Olympio Correa. **Psicogênese da língua escrita**: contribuições, equívocos e consequências para a alfabetização. Disponível em: <www.unesp.br>. Acesso em: 5 mar. 2014.
- MINGUET, Pilar Aznar (Org.). **A construção do conhecimento na educação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- MORAIS, Arthur Gomes. **Sistema de escrita alfabética**: como eu ensino. São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- ONATIVIA, Ana Cecília. **Alfabetização em três propostas**: da teoria à prática. São Paulo: Ática, 2009.
- PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e escrita como forma de representações**. Porto Alegre: Penso, 2012.
- RANGEL, Annamaria Pífero. **Alfabetizar aos seis anos**. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- RIOS, Zoé; LIBÂNIO, Marcia. **Da escola para casa**: alfabetização. Belo Horizonte: RHJ, 2009.
- SALVADOR, César Coll. **Aprendizagem escolar e a construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- SEGUINDO os passos da história. Disponível em: <<http://seguindopassoshistoria.blogspot.com.br/2012/03>>. Acesso em: 27 out. 2014.
- SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- STIHL. **Jardim das idéias**: os jardineiros da pré-história: Era Paleolítica. 2012. Disponível em: <<http://www.jardimdasideias.com.br/arquivo/2012/1>>. Acesso em: 27 out. 2014.
- VARELA, Noeli Klein. **Leitura e escrita**: temas para reflexão. Porto Alegre: Premier, 2004.
- ZEN, Maria Isabel H. Dalla; XAVIER, Maria Luisa M. **AlfabeLetrar**: fundamentos e práticas. Porto Alegre: Mediação, 2004.